

M.E. Henrique Adriano Moraes Lima
Professor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
henriqueadsz@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0009-9637-240X>
São Luís – Maranhão, Brasil



M.E. João Vieira da Silva Junior
Professor contratado UFMA, UEMA. UESPI
Prefeitura Municipal de Codó
jjunyor3mil@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0004-6416-1521>
Codó – Maranhão, Brasil



Meirydianne Chrystina de Almeida Santos Silva
Doutoranda em Ensino – Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)
Docente da Educação Básica e Superior
(SEMECTI ; SEDUC/MA; UESPI)
atividadesmeiry@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-8251-8721>
Codó – Maranhão, Brasil



Sugerencia como citar: Moraes, H., Vieira da Silva, J., de Almeida, M. C. (2026). A zoomorfização do corpo negro em o mulato, de Aluísio De Azevedo: uma análise lexical a partir da linguística de corpus. Revista: Mundo Científico Internacional. Volumen 14. Pág. 07-21, <https://mucin.nelkuali.com/>

Recibido:04/02/2026

Aprobado:04/03/2026

Publicado:25/03/2026

A ZOOMORFIZAÇÃO DO CORPO NEGRO EM O MULATO, DE ALUÍSIO DE AZEVEDO: UMA ANÁLISE LEXICAL A PARTIR DA LINGUÍSTICA DE CORPUS

THE ZOOMORPHIZATION OF THE BLACK BODY IN ALUÍSIO AZEVEDO'S O MULATO: A LEXICAL ANALYSIS VIA CORPUS LINGUISTICS

LA ZOOMORFIZACIÓN DEL CUERPO NEGRO EN O MULATO, DE ALUÍSIO DE AZEVEDO: UN ANÁLISIS LÉXICO A PARTIR DE LA LINGÜÍSTICA DE CORPUS.

MUNDO CIENTÍFICO INTERNACIONAL (MUCIN), año 1, No.1, Octubre 2021, Publicación cuatrimestral, editada por: Ma. Elizabeth Islas León, Calle Noria SN Esq., Art. 3ro. Fracc. Constitución, C.P. 42080, Pachuca, Hidalgo, Tel. +52 (771) 1533478, <https://mucin.nelkuali.com/>, articuloscientificos@ceecph.com, Editor responsable: Ma. Elizabeth Islas León, Reserva de Derechos al Uso Exclusivo No. "04-2022-053113074300-102", ISSN: 2954-4416, ambos otorgados por el Instituto Nacional del Derecho de Autor. Responsable de la última actualización de este Número, Unidad de Informática del Centro de Evaluación Educativa y de Competencias Profesionales de Hidalgo, CEECPH, S. C., Ma. Elizabeth Islas León, Calle Noria SN Esq., Art. 3ro. Fracc. Constitución, C.P. 42080, Pachuca, Hidalgo.

Resumo

O presente artigo analisa o processo de zoomorfização da personagem negra no romance *O Mulato* (1881), de Aluísio Azevedo, sob a ótica da Linguística de Corpus (LC). Partindo do pressuposto de que o Naturalismo utiliza o determinismo biológico como ferramenta ideológica, investiga-se como o léxico atua na desumanização do corpo negro, substituindo a anatomia humana por termos do domínio semântico da zoologia. Metodologicamente, a pesquisa utiliza o *software* AntConc para o mapeamento quanti-qualitativo de unidades lexicais como *cabra*, *bode*, *carapinha*, *focinho*, *ventas* e *berrar*, analisando suas linhas de concordância e padrões de colocação. Os resultados demonstram uma segregação lexical sistemática: enquanto as personagens brancas são descritas por meio de um léxico de agência e beleza, os sujeitos negros são cercados por termos que os vinculam à animalidade e à coisificação. Observa-se, ainda, o rebaixamento lexical do protagonista Raimundo conforme a narrativa avança para o desfecho trágico. Conclui-se que a animalização em Azevedo não é um mero recurso estilístico, mas uma estratégia biopolítica de apagamento da subjetividade negra, revelando as engrenagens do racismo científico na literatura brasileira do século XIX.

Palavras-chave: análise lexical; Aluísio Azevedo; *O Mulato*; Linguística de Corpus; zoomorfização.

Abstract

This article analyzes the process of zoomorphism of Black characters in the novel *O Mulato* (1881), by Aluísio Azevedo, from the perspective of Corpus Linguistics (CL). Grounded in the premise that Naturalism employs biological determinism as an ideological tool, this study investigates how the lexicon functions in the dehumanization of the Black body, replacing human anatomy with terms from the semantic domain of zoology. Methodologically, the research utilizes the AntConc software for a quanti-qualitative mapping of lexical units such as *cabra*, *bode*, *carapinha*, *focinho*, *ventas*, and *berrar*, analyzing their concordance lines and collocation patterns. The results demonstrate a systematic lexical segregation: while white characters are described through a lexicon of agency and beauty, black subjects are surrounded by terms that link them to animality and objectification. Furthermore, a lexical downgrading of the protagonist, Raimundo, is observed as the narrative progresses toward its tragic conclusion. It is concluded that animalization in Azevedo's work is not a mere stylistic device, but a biopolitical strategy for erasing Black subjectivity, revealing the inner workings of scientific racism in 19th-century Brazilian literature.

Keywords: lexical analysis; Aluísio Azevedo; *O Mulato*; Corpus Linguistics; zoomorphization.

Resumen

El presente artículo analiza el proceso de zoomorfización del personaje negro en la novela *O Mulato* (1881), de Aluísio Azevedo, desde la perspectiva de la Lingüística de Corpus (LC). Partiendo del supuesto de que el Naturalismo utiliza el determinismo biológico como herramienta ideológica, se investiga cómo el léxico actúa en la deshumanización del cuerpo negro, sustituyendo la anatomía humana por términos del dominio semántico de la zoología. Metodológicamente, la investigación utiliza el software AntConc para el mapeo cuantitativo-qualitativo de unidades léxicas como *cabra*, *macho cabrío*, *cabello crespo*, *hocico*, *narinas* y *balido*, analizando sus líneas de concordancia y patrones de colocación. Los resultados demuestran una segregación léxica sistemática: mientras los personajes blancos son descritos mediante un léxico de agencia y belleza, los sujetos negros están rodeados de términos que los vinculan con la animalidad y la cosificación. Se observa, además, el rebajamiento léxico del protagonista Raimundo a medida que la narrativa avanza hacia el desenlace trágico. Se concluye que la animalización en Azevedo no es un mero recurso estilístico, sino una estrategia biopolítica de borramiento de la subjetividad negra, que revela los engranajes del racismo científico en la literatura brasileña del siglo XIX.

Palabras clave: Análisis léxico, Aluísio Azevedo, o Mulato, lingüística de corpus, zoomorfización.

Introdução

O romance *O Mulato* (1881), de Aluísio Azevedo, é tradicionalmente reconhecido pela crítica literária como o marco inaugural do Naturalismo no Brasil. Ambientada em uma São Luís conservadora e clerical do século XIX, a obra não se limita a narrar o drama individual do protagonista Raimundo, mas se propõe a ser um exame laboratorial das patologias sociais e raciais da época. Sob o influxo das teorias deterministas e do darwinismo social que atravessavam o Atlântico, Azevedo constrói uma narrativa onde o léxico atua como um dispositivo de precisão, delimitando fronteiras biológicas e sociais entre as personagens.

Entretanto, para além da denúncia do preconceito racial explícito na trama, subjaz uma estrutura linguística mais profunda e perversa: a desumanização sistemática do corpo negro através da linguagem. Este processo, aqui denominado zoomorfização, consiste no emprego de unidades lexicais provenientes do domínio semântico da zoologia para descrever a ontologia negra. No Naturalismo, a animalização não é um mero recurso retórico de estilo, mas uma ferramenta biopolítica que busca reduzir o sujeito negro à condição de *peça* ou *animal*, destituindo-o de sua agência humana para justificar a hierarquia escravocrata e o racismo oitocentista.

Apesar da vasta fortuna crítica sobre a obra de Azevedo, as análises frequentemente se detêm em aspectos puramente qualitativos ou historiográficos. Diante disso, este artigo propõe uma abordagem fundamentada na Linguística de Corpus (LC), utilizando o instrumental computacional, especificamente o *software* AntConc, para mapear e quantificar as evidências léxico-gramaticais dessa animalização. A utilização da LC permite que a observação crítica seja amparada por dados empíricos, revelando padrões de concordância e força de associação entre termos raciais e atributos não humanos que poderiam passar despercebidos em uma leitura linear.

Dessa forma, o presente trabalho teve como objetivo analisar, sob a perspectiva da Linguística de Corpus, o processo de zoomorfização das personagens negras no romance *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, identificando como as escolhas lexicais do narrador naturalista operam na desumanização e na estigmatização desses sujeitos. Busca-se demonstrar que a escolha de termos como *cabra*, *bode*, *carapinha*, *focinho*, *ventas* e *berrar* para descrever personagens negras e/ou ações não é fortuita, mas compõe

uma estratégia discursiva de apagamento da subjetividade, transformando o texto literário em um repositório das ideologias segregacionistas que marcaram a formação social maranhense e, sobretudo, brasileira.

O determinismo biológico na literatura naturalista

O Naturalismo brasileiro, tendo em *O Mulato* seu marco de ruptura, não se limitou a mimetizar a realidade, mas buscou explicá-la sob a égide do cientificismo oitocentista. Influenciados pelo determinismo de Hippolyte Taine e pelo evolucionismo de Darwin, autores como Aluizio Azevedo converteram o romance em um espaço de experimentação social, onde a narrativa assume o rigor de um relatório clínico. Sobre essa pretensão científica da estética naturalista, Candido (2007, p. 21) observa que

O Naturalismo [...] pretendia que a literatura fosse uma espécie de prolongamento da ciência, e o romancista, um experimentador que aplicasse aos casos humanos as leis da biologia e da sociologia. A sua base era o determinismo, nas suas várias formas: o meio, a raça, o momento histórico, a hereditariedade, a pressão das necessidades orgânicas.

Nesse contexto, o indivíduo é compreendido como um produto inevitável dessas forças externas e internas. Em *O Mulato*, essa aplicação das leis da biologia manifesta-se de forma contundente na caracterização das personagens negras: ao serem lidas como espécimes de uma escala evolutiva supostamente inferior, sua descrição lexical abandona a esfera humana para habitar o domínio da zoologia, justificando a tese naturalista por meio da animalização sistemática.

A representação da personagem negra no Naturalismo é, portanto, atravessada por um olhar clínico que busca no corpo evidências de uma suposta inferioridade. Conforme aponta a crítica decolonial, esse olhar se materializa no texto através de um vocabulário que patologiza e desumaniza. Sobre essa conversão do corpo em objeto de análise racial, Schwarcz (1993, p. 142) assevera que o determinismo transformou o corpo em um arquivo de evidências, onde a literatura atuava como um braço da ciência para converter características físicas em atestados de inferioridade.

O termo patologizar, no âmbito da crítica decolonial e dos estudos do racismo científico, refere-se ao processo de converter características fenotípicas, culturais ou comportamentais de grupos subalternizados em sintomas de morbidez ou anormalidade.

Como observa Fanon (2008), a estrutura colonial impõe ao colonizado uma identidade de objeto de estudo clínico, em que o corpo negro não é apenas diferente, mas é lido como um organismo em estado de defasagem biológica. No Naturalismo de Azevedo, essa patologização se manifesta na insistência do narrador em descrever o negro através de léxicos que remetem à degeneração, ao vício ou à animalidade, justificando a exclusão social como uma medida de higiene pública.

Nesse sentido, a escolha lexical deixa de ser puramente estética para se tornar uma evidência de biopoder, onde a palavra atua na classificação dos seres. Conforme assevera Foucault (2005, p. 304), o racismo permite ao poder soberano introduzir um corte no domínio da vida que o poder assumiu: o corte entre o que deve viver e o que deve morrer, estabelecendo uma hierarquia dentro do contínuo biológico da espécie. A zoomorfização surge aqui como o ápice desse processo: ao descrever o negro com termos do domínio da zoologia, o narrador retira-lhe a subjetividade, fixando-o em um estágio evolutivo inferior e justificando, por meio do léxico, a estrutura de dominação vigente na sociedade brasileira da época.

A zoomorfização constitui um recurso retórico e estético central na poética naturalista, fundamentado na crença de que o comportamento humano é regido por leis biológicas e instintivas. Diferente da personificação, que atribui traços humanos a seres inanimados ou animais, a zoomorfização opera o caminho inverso, ou seja, reduz a personagem a um plano puramente fisiológico.

No contexto do racismo científico do século XIX, a zoomorfização é utilizada para despojar o sujeito negro de sua humanidade, enquadrando-o em uma taxonomia zoológica que justifica a exploração e a exclusão social. Como observa Schwarcz (1993), ao aproximar o homem do animal, o texto literário transforma a diferença cultural em uma inferioridade biológica comprovada pela aparência e pelos instintos.

Dessa forma, o determinismo biológico em *O Mulato* não se esgota na estrutura do enredo, mas se materializa na microestrutura da língua. A zoomorfização atua como um mecanismo de reificação lexical, em que a seleção vocabular, o léxico, deixa de ser um inventário de nomes para tornar-se um dispositivo de controle biopolítico.

Cabe ressaltar acerca do conceito de reificação (do latim *res* > coisa), refere-se ao processo social e ideológico pelo qual seres humanos e relações sociais são transformados em coisas ou objetos passíveis de quantificação e controle. Segundo Lukács (2003), em sua obra clássica *História e Consciência de Classe*, a reificação ocorre quando a subjetividade é eclipsada pela lógica da mercadoria. No contexto desta pesquisa, a

reificação lexical é o fenômeno em que o narrador, ao utilizar o léxico da zoologia para descrever sujeitos negros, destituiu-os de sua humanidade e agência, reduzindo-os à condição de objetos biológicos ou animais de tração para validar as teses deterministas do século XIX.

Em se tratando da Linguística de Corpus, o léxico é o lugar onde a ideologia se torna estatisticamente visível, a recorrência de termos zoológicos para descrever o corpo negro em Azevedo constitui a prova empírica da tese naturalista. Portanto, a análise do léxico não é um exercício meramente formalista, é a via de acesso para compreender como a literatura oitocentista utilizou a gramática da ciência para sedimentar a gramática da exclusão.

Dessa forma, a zoomorfização em *O Mulato* deixa de ser uma mera percepção subjetiva do leitor para se revelar como um projeto de construção textual deliberado. Se a ideologia naturalista está incrustada na microestrutura da linguagem, sua investigação exige um instrumental que transcenda a leitura linear e impressionista.

É nesse cenário que a Linguística de Corpus (LC) se apresenta como o método analítico fundamental: ao permitir o processamento computacional de grandes volumes de dados, a LC transforma o texto em um objeto passível de observação empírica e estatística. Assim, as ideias postuladas a seguir dedicam-se a detalhar como as ferramentas da LC foram mobilizadas para mapear os padrões de concordância e as redes de colocação que sustentam a desumanização do corpo negro na obra de Azevedo.

Linguística de Corpus (LC) como método de análise literária

Para analisar fenômenos ideológicos complexos como a zoomorfização, a Linguística de Corpus (LC) oferece um suporte metodológico que transcende a análise puramente intuitiva. Conforme assevera Sardinha (2004, p. 33), a LC caracteriza-se por “ir além da intuição, revelando padrões de uso que muitas vezes são invisíveis a olho nu”, fundamentando o estudo da língua em evidências empíricas extraídas de grandes conjuntos de textos processados eletronicamente.

Essa invisibilidade mencionada pelo autor é particularmente relevante no Naturalismo, estética que frequentemente camufla o preconceito sob o manto da descrição científica. Ao aplicar o processamento computacional, a LC permite desnaturalizar o discurso de Aluizio Azevedo, expondo que a escolha de termos como *cabra* ou *bode* para personagens negras não é um recurso literário aleatório, mas um padrão recorrente.

Assim, o que uma leitura linear poderia interpretar como uma metáfora isolada, o método da LC revela ser uma estrutura léxico-estatística de desumanização.

Ao mapear as palavras que ocorrem na vizinhança imediata dos termos referentes à negritude, a LC permite identificar se a zoomorfização é um traço persistente e estatisticamente significativo na obra. Não se trata apenas de listar palavras isoladas, mas de compreender como a rede de vizinhança vocabular aprisiona a personagem negra em um domínio semântico inferior, consolidando o preconceito por meio da repetição e da concorrência.

No âmbito da literatura, essa abordagem permite identificar o que Sinclair (1991, p. 110) denomina padrões lexicais, asseverando que “o sentido das palavras é derivado, em grande parte, das palavras com as quais elas costumam ocorrer”. No caso de *O Mulato*, essas recorrências, embora possam ser sutis em uma leitura linear, tornam-se estatisticamente significativas quando observadas no *corpus* integral.

A relevância da LC para este estudo reside na capacidade de evidenciar a colocação e a prosódia semântica. O conceito de colocação refere-se à tendência de certas palavras aparecerem juntas com uma frequência maior do que o acaso, como a associação sistemática entre termos raciais e léxico animalizante. Segundo Sinclair (1991, p. 115), a colocação é a “ocorrência de duas ou mais palavras a uma distância curta uma da outra em um texto”, o que permite identificar redes de significados que sustentam o preconceito.

Já a prosódia semântica revela a aura de significado que uma palavra adquire devido aos seus vizinhos frequentes. Conforme define Louw (1993, p. 157), a prosódia semântica consiste em uma “aura de significado com que uma forma lexical é imbuída pelo seu contexto recorrente”.

Ao utilizar ferramentas computacionais como o AntConc, é possível mapear não apenas “o que” se diz sobre a personagem negra, mas “com que palavras” esses sujeitos são cercados. Essa abordagem transforma a análise literária em uma investigação baseada em evidências linguísticas rigorosas, revelando como a repetição de colocados negativos cristaliza a desumanização do corpo negro na obra de Azevedo.

Metodologia

A presente investigação adota uma abordagem qualiquantitativa, fundamentada nos pressupostos da Linguística de Corpus (LC). Para esta pesquisa, a metodologia

divide-se em três etapas principais: a preparação do *corpus*, o processamento computacional e a análise das categorias lexicais.

Ferramentas e processamentos dos dados

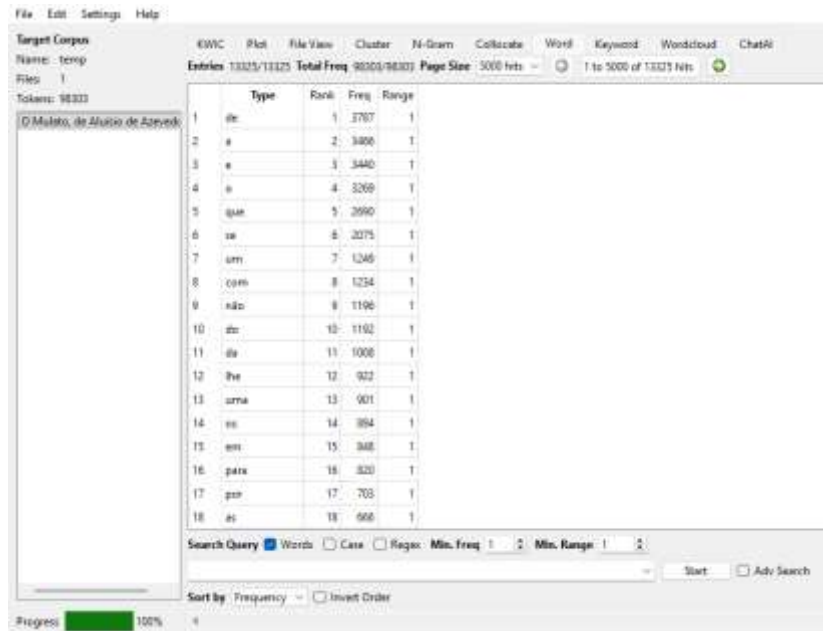
Para a viabilização da análise computacional, a obra *O Mulato* foi submetida integralmente a um processo de preparação e limpeza técnica. O arquivo original foi convertido para o formato de texto simples (.txt), com codificação UTF-8, garantindo a integridade dos caracteres da língua portuguesa e a compatibilidade com o processamento do *software* AntConc.

A limpeza do *corpus* consistiu na exclusão de elementos extracontextuais que poderiam enviesar as contagens de frequência, tais como: prefácios e posfácios de edições contemporâneas, notas de rodapé editoriais, numeração de páginas e índices. Esse procedimento assegura que as recorrências lexicais de termos como *cabra*, *bode* ou *carapinha* reflitam exclusivamente a voz do narrador e das personagens da narrativa oitocentista, mantendo a fidedignidade dos dados estatísticos apresentados.

Utilizou-se o *software* AntConc (versão 4.3.1), criado por Laurence Anthony (2022), como ferramenta de/para geração de palavras/dados por meio de procedimentos técnicos estruturados em torno de três funções principais: (i) *Word List* (Lista de palavras) – lista de frequências para identificar as recorrências lexicais de termos antropônimos e etnônimos, como, por exemplo, *negro*, *mulato*, *preto*, *escravo* e *moleque*; (ii) *Concordance* (Concordância) – por meio desta função, os termos-chave foram analisados em seus contextos imediatos (KWIC - *Key Word In Context*). Isso permitiu observar a aplicação de termos do domínio da zoologia diretamente vinculados a personagens específicas; (iii) *Collocates* (Colocados) ferramenta para identificar palavras que ocorrem em uma vizinhança de 5 palavras à esquerda e 5 à direita (janela 5L/5R) do nóculo (termo racial).

A interface do programa e a disposição das ferramentas mencionadas podem ser visualizadas na Figura 1.

Figura 1 - Interface do software AntConc (versão 4.3.1) com destaque para a ferramenta *Word List*



Fonte: Elaborada pelos autores (2026)

A partir da ferramenta *Word List*, observou-se uma alta frequência de termos étnicos que, quando submetidos à análise de *Concordance*, demonstram uma aura semântica de animalidade. Por meio da ferramenta *Concordance* é possível, ainda, gerar uma visualização em formato KWIC (*Key Word In Context*), apresentada na Figura 2. Esta visualização permite observar como o termo *ventas* (alinhado ao centro) é sistematicamente cercado por colocados que remetem à animalidade, à sujeira ou à subalternidade, consolidando uma prosódia semântica negativa.

Figura 2 - Visualização KWIC da unidade lexical *ventas* em *O Mulato*



Fonte: Elaborada pelos autores (2026)

A observação das linhas de concordância na Figura 2 evidencia que o termo *ventas* atua como um mecanismo de reificação anatômica, isto é, ao invés de descrever o nariz ou o rosto da personagem negra, o narrador opta por um vocabulário que remete diretamente às narinas de animais de tração. Essa escolha lexical, longe de ser aleatória, é estatisticamente significativa e confirma a hipótese de que a literatura naturalista utilizou a gramática da biologia para sedimentar a gramática da exclusão social, caráter melhor detalhado nos critérios de seleção do léxico animalizante.

Crítérios de seleção do léxico animalizante

Para o recorte da zoomorfização, estabeleceu-se um inventário de busca baseado em campos semânticos da biologia e veterinária aplicada a humanos. As buscas no AntConc, de modo geral, incluíram: (i) anatomia animal: *focinho**, *venta**, *pata**, *casco**, *garupa**, *crina**, *rabo**¹; (ii) ações, sons e vocalizações: *berrar*, *ganir*, *rosnar*, *farejar*, *fossar*, *acuar*, *pastar*; (iii) substantivos de espécie/estado: *peça*, *bicho*, *animal*, *rês*, *gado*.

Análise e Discussão

Nesta seção, apresentamos apenas o recorte dos dados extraídos do *corpus* por meio do *software* AntConc, categorizados de acordo com os eixos de zoomorfização identificados na narrativa de Aluizio Azevedo.

Anatomia animal aplicada ao humano: a desfiguração do rosto negro

O primeiro eixo de análise foca na substituição de termos da anatomia humana por termos da anatomia veterinária. Ao processar o *corpus*, observou-se uma ocorrência estatisticamente relevante de termos como *cabra*, *bode*, *carapinha*, *focinho*, *ventas* e *berrar* em contextos de descrição de personagens negras e mestiças.

A ferramenta Concordance revelou que o termo *focinho*, por exemplo, aparece associado quase exclusivamente a personagens escravizadas ou de pele retinta. Enquanto as personagens brancas, como Ana Rosa ou o Cônego Diogo, possuem *rosto*, *semblante* ou *fisionomia*, as personagens negras são descritas por meio de uma metonímia animal.

A partir do processamento do *corpus* e da análise das linhas de concordância (KWIC), foi possível mapear um sistema lexical de desumanização que opera em diferentes níveis da narrativa. Para melhor visualização dessa estrutura, o Quadro 1

¹ O uso do asterisco (*) nas buscas permitiu capturar variações flexionais de gênero e número.

sintetiza os principais itens lexicais identificados e seus respectivos campos semânticos na obra de Aluizio Azevedo.

Quadro 1 - Campos semânticos da animalização em *O Mulato*

Unidade lexical	Campo semântico	Efeito discursivo/ideológico
<i>ventas/focinho</i>	Anatomia animal	Substitui traços humanos por atributos de animais, reduzindo a complexidade do rosto e do corpo negro a texturas brutas.
<i>Berrar</i>	Sons/gestos	Desarticula a fala e a expressão da dor, transformando a voz da personagem em um ruído instintivo, como se ela fosse incapaz de usar a linguagem.
<i>Carapinha</i>	Anatomia animal	Substitui traços humanos por atributos de animais, reduzindo a complexidade do rosto e do corpo negro a texturas brutas.
<i>cabra/bode</i>	Animais	Classifica os indivíduos em categorias de gado ou animais de carga, anulando a identidade e a cidadania em favor da simples utilidade física ou laboral.

Fonte: Elaborado pelos autores (2026)

Como podemos observar, essa escolha lexical cumpre uma função ideológica clara: a desfiguração. Ao retirar o rosto, que, na filosofia de Emmanuel Levinas (1997), é o lugar do reconhecimento da alteridade e da humanidade do Outro, e substituí-lo pelo *focinho*, o narrador naturalista anula a possibilidade de empatia do leitor. O corpo negro deixa de ser um corpo humano passível de subjetividade para se tornar uma carcaça biológica.

Outro dado relevante surge na análise de *ventas*. Embora o termo possa ser usado para humanos em contextos de fúria, no *corpus* de *O Mulato* ele aparece sistematicamente vinculado ao resfolegar de personagens negras, sugerindo a imagem de um animal de

tração ou de montaria, como cavalos ou bois, sob estresse. A força de associação, *Mutual Information*, entre esses termos e os etnônimos demonstra que a animalização não é um evento isolado, mas uma constante lexical que pavimenta o racismo científico na obra.

Padrões de colocação e desumanização

A análise de colocados, *Collocates*, permite observar a aura semântica que envolve determinados nós lexicais. Ao processar as unidades lexicais *preto* e *escrava* no AntConc, com uma janela de cinco palavras à esquerda e à direita, nota-se que a desumanização não ocorre apenas por substantivos animalizantes, mas também por um cerco de adjetivos e verbos que reforçam a condição de objeto, como em “Veio logo um *preto velho*, a quem ele se dirigiu para dar as ordens em voz baixa” (Azevedo, 2013, p. 150, grifo nosso). Essa identificação foi possível em virtude da ferramenta KWIC do AntConc, conforme Figura 3.

Figura 3 - Localização da unidade lexical *preto* na ferramenta KWIC do AntConc



Fonte: Elaborada pelos autores (2026)

Em personagens como Ana Rosa, a análise de concordância (KWIC) revela que seu nome raramente aparece isolado de atributos que remetem à servidão ou à animalidade mecânica. As linhas de concordância mostram padrões, tais como:

E soluçou, empalmado o rosto com as mãos. Raimundo, procurando erguê-la, vergava-se todo sobre ela. E o contato sensual daquela *carne branca* dos braços e do colo da rapariga, e o sarrafaçar daqueles *lábios em brasa*, e a proibição de tocar

em todo aquele *tesouro proibido*, fustigavam-lhe o sangue e punham-lhe a cabeça a rodar, numa vertigem (Azevedo, 2013, p. 218, grifo nosso).

O termo *peça*, recorrente no domínio da escravidão, funciona como um colocado técnico que coisifica o sujeito. Estatisticamente, o índice de Mutual Information (MI) entre *escravo* e verbos de carga semântica passiva, tais como *obedecer*, *carregar* e *servir* é significativamente superior ao encontrado em personagens brancas, cujas colocações remetem à agência e ao intelecto, como pensar, decidir e ordenar.

O rigor da Linguística de Corpus se manifesta ao contrastarmos as vizinhanças lexicais. Ao analisarmos o termo *mãos*, observamos uma clivagem ideológica: nas personagens brancas, como a Ana Rosa, as mãos são descritas como *alvas*, *delicadas* ou ocupadas com *rendas*.

Nas personagens negras, as mãos, ou as *patas*, são acompanhadas de adjetivos como *grossas*, *calosas* ou associadas a instrumentos de castigo e trabalho braçal. Essa segregação lexical cria dois mundos biológicos distintos dentro do romance. A análise das linhas de concordância prova que o narrador de Aluísio Azevedo prepara o leitor para aceitar a violência contra o corpo negro, ou seja, se o léxico o descreve sistematicamente como um bicho ou uma ferramenta, a agressão a esse corpo deixa de ser um crime moral para se tornar um manejo técnico de um recurso animal.

O caso Raimundo: entre o Homem e o Mulato

O protagonista Raimundo representa o maior desafio para a estabilidade lexical de *O Mulato*. Diferente das personagens escravizadas, cujas descrições são estáticas e puramente zoomorfizadas, Raimundo experimenta uma transição lexical ao longo da narrativa. Sob a ótica da Linguística de Corpus, observamos um fenômeno de contágio do léxico animalizante conforme a trama avança para o seu desfecho trágico.

Nos capítulos iniciais, a ferramenta *Concordance* revela que Raimundo é cercado por colocados de alta distinção: *educado*, *bacharel* e *européu*. Suas feições são descritas por meio de substantivos como *rosto* e *fisionomia*, conferindo-lhe o *status* pleno de humanidade reservado às elites. No entanto, o Naturalismo de Azevedo postula que o *atavismo do sangue* é inelutável. Assim, quando a tensão racial se acentua, o narrador começa a inserir, sutilmente, termos que o vinculam à animalidade.

Um exemplo latente ocorre nos momentos de explosão dos instintos ou de sofrimento moral. O AntConc permite identificar que, em passagens de forte carga

emocional, o narrador substitui a descrição psicológica de Raimundo por descrições fisiológicas que remetem ao mestiço como um ser biologicamente instável. Verbos como *acuar* ou descrições de *olhar injetado* começam a aparecer em suas linhas de concordância, aproximando-o semanticamente das personagens que ele mesmo, no início, via com distância.

Essa oscilação lexical prova que, para a ideologia naturalista, a educação e a cultura são apenas uma máscara civilizatória que o léxico da zoomorfização se encarrega de desmontar. O uso do *software* evidencia que a desumanização de Raimundo não é apenas um evento do enredo, mas uma estratégia de rebaixamento linguístico. Assim sendo, para que sua morte final seja aceitável dentro da lógica da obra, o texto precisa primeiro destituí-lo de sua brancura lexical e devolvê-lo ao campo semântico do animal, do mulato, enquanto categoria biológica degenerada.

Considerações Finais

A presente análise demonstrou que a representação da personagem negra em *O Mulato* transcende a mera construção de tipos sociais, alicerçando-se em uma rigorosa e perversa engenharia da desumanização. Através do instrumental da Linguística de Corpus, foi possível evidenciar que a zoomorfização não é um recurso literário fortuito ou meramente decorativo, mas um padrão lexical sistemático. O uso do *software* AntConc permitiu mapear como o narrador naturalista cerca o corpo negro com unidades lexicais do domínio da zoologia, substituindo a subjetividade humana pela biologia do animal de tração ou de descarte.

As evidências extraídas, desde a substituição do rosto pelo *focinho* até o rebaixamento lexical sofrido pelo protagonista Raimundo, confirmam que o texto literário de Aluísio Azevedo funcionou como um braço estético do racismo científico oitocentista. A análise de colocações e linhas de concordância revelou uma segregação linguística profunda, isto é, enquanto o léxico da brancura é associado à agência, à beleza e ao intelecto, o léxico da negritude é confinado aos campos semânticos da patologia, da mecânica servil e da animalidade.

Conclui-se, portanto, que a robustez conferida pela metodologia de Corpus retira a discussão do campo das impressões subjetivas e a posiciona no campo das evidências linguísticas. Este estudo contribui para a historiografia literária brasileira ao desvelar as camadas de violência simbólica depositadas no cânone, reforçando a necessidade de leituras críticas e decoloniais. Espera-se que este modelo de análise possa ser expandido

para outras obras da literatura brasileira, permitindo-nos compreender como a língua, em sua microestrutura, foi e continua sendo utilizada como ferramenta de manutenção de hierarquias raciais.

Referências

- Anthony, L. (2022). AntConc (Version 4.x) [Computer software]. Waseda University. <https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>
- Azevedo, A. (2013). O mulato. Martin Claret. <https://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000134.pdf>
- Berber Sardinha, T. (2004). Linguística de corpus. Manole. <https://books.google.com/>
- Candido, A. (2007). Formação da literatura brasileira. Ouro sobre azul. <https://books.google.com/>
- Fanon, F. (2008). Pele negra, máscaras brancas (R. da Silveira, Trad.). EDUFBA. <https://repositorio.ufba.br/>
- Foucault, M. (2005). Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975–1976). Martins Fontes. <https://books.google.com/>
- Levinas, E. (1997). Entre nós: Ensaio sobre a alteridade. Vozes. <https://books.google.com/>
- Louw, B. (1993). Irony in the text or insincerity in the writer? The diagnostic potential of semantic prosodies. In M. Baker, G. Francis, & E. Tognini-Bonelli (Eds.), *Text and technology: In honour of John Sinclair* (pp. 157–176). John Benjamins. <https://benjamins.com/>
- Lukács, G. (2003). História e consciência de classe: Estudos sobre a dialética marxista (R. Nascimento, Trad.). Martins Fontes. <https://books.google.com/>
- Schwarz, L. M. (1993). O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870–1930). Companhia das Letras. <https://books.google.com/>
- Sinclair, J. (1991). *Corpus, Concordance, Collocation*. Oxford University Press. <https://global.oup.com/>